



ASPECTOS RELACIONADOS AO EROTISMO, À HISTERIA E À ANIMALIZAÇÃO NA OBRA “A CARNE” DE JÚLIO RIBEIRO

Tâmara Ramalho da Silva¹
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Tristan Nathanael Veras Pedrosa²
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Resumo: A estética literária do Naturalismo esteve presente no século XIX e teve suas obras marcadas pelo cientificismo. Tal característica foi influenciada pelas descobertas científicas da época, sobretudo, pela obra *A origem das espécies* de Charles Darwin. No Brasil, houve também manifestações da estética literária do Naturalismo. Dentre os autores enquadrados nesse movimento, cabe citar Júlio Ribeiro. Nesse sentido, o presente trabalho tem como finalidade analisar aspectos relacionados ao erotismo, à histeria e à animalização na obra *A carne* de Júlio Ribeiro. Esse estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas relacionadas aos temas a serem analisados, dentre as quais cabe citar os seguintes autores: Engel (2004), Freud [1996 (1888)], Bulhões (2005), Silva (2012) e Soihet (1997). Evidenciamos através da análise que a personagem Lenita possui um olhar racional no que diz respeito à consumação do ato sexual. Contudo, na obra, ela, como qualquer outro animal, é acometida pelo desejo da carne, tornando-se vítima dele e de uma manifestação incompleta da relação sexual. Esses desejos reprimidos imprimem nesta personagem a histeria, tida pelos especialistas da época como uma patologia restrita às mulheres. Dessa forma, o estudo da obra propõe um debate a respeito da sexualidade feminina no contexto do naturalismo, século XIX e, conseqüentemente, do juízo que se faz hoje deste tema, tendo em vista, que numa sociedade marcadamente conservadora, esse assunto ainda é considerado um tabu.

Palavras-chave: Sexualidade; Naturalismo; Mulher; Tabu.

¹ Graduanda em Letras português e literatura de língua portuguesa. E-mail: tamararamalho@ufpi.edu.br.

² Graduando em Letras português e literatura de língua portuguesa. E-mail: tristanveras@ufpi.edu.br.

Aspects related to erotism, history and animalization in the work “A carne” by Júlio Ribeiro

Abstract: The literary aesthetic of Naturalism was present in the 19th century and its works were marked by scientism. This characteristic was influenced by the scientific discoveries of the time, mainly, by the work *Origin of the species* by Charles Darwin. In Brazil, there were also manifestations of the literary aesthetic of Naturalism. Among the authors included in this movement, it is worth mentioning Júlio Ribeiro. In this sense, the present work aims to analyze aspects related to eroticism, hysteria and animalization in the literary work *A carne* by Júlio Ribeiro. This study was carried out through bibliographic research related to the themes to be analyzed, among which it is worth mentioning the following authors: Engel (2004), Freud [1996 (1888)], Bulhões (2005), Silva (2012) and Soihet (1997). We showed through the analysis that the character Lenita has a rational look with regard to the consummation of the sexual act. However, in the work, she, like any other animal, is affected by the desire for the flesh, becoming a victim of it and of an incomplete manifestation of sexual intercourse. These repressed desires imprint hysteria on this character, considered by specialists at the time as a pathology restricted to women. Thus, the study of the work proposes a debate about female sexuality in the context of naturalism, in the 19th century and, consequently, of the judgment that is made today on this theme, bearing in mind that in a markedly conservative society, this subject is still considered a taboo.

Keywords: Sexuality; Naturalism; Woman; Taboo.

Introdução

No século XIX, o movimento estético-literário do Naturalismo emerge em meio a um fervilhar de novas ideias e mudanças nos âmbitos econômico, científico e social. Dentre essas, cabe citar a publicação da obra *A origem das espécies*, em 1859, de Charles Darwin, na qual revolucionou não só o mundo da ciência, como também a maneira que se concebia o “surgimento” dos seres vivos. Nesse sentido, embora num primeiro momento esse estudo tenha causado um estranhamento na comunidade científica – até sendo alvo de zombaria - aceitou-se, progressivamente, a ideia de que os seres vivos evoluem, transformam-se e alteram sua morfologia de acordo com as condições que o meio ambiente impõe.

A premissa de que os seres vivos estão sujeitos ao meio ambiente - e, conseqüentemente, o ser humano, por estar incluído nessa categoria, também é produto do meio no qual se encontra inserido - tornou-se um dos pilares do pensamento do homem do século XIX. Essa ideia permeou não só as ciências naturais, também serviu de apoio para os estudos sociológicos do período. Nesse contexto, Comte e Taine foram dois estudiosos de suma importância, que, segundo Silva (2012, p. 59), “difundiram a ideia da onipotência do ambiente: o corpo e o espírito do homem atuam sob o condicionamento total da ordem da natureza”.

Logo, observamos que, nessa época, as ciências humanas passaram a agregar métodos do fazer científico para a descrição de fenômenos evidenciados na sociedade. Esse cientificismo era pautado na exaustiva observação de um determinado acontecimento, acompanhado de experiências e testes a fim de confirmar ou não a hipótese formulada pelo cientista.

Vale ressaltar que a literatura nesse momento histórico também sofreu influências do cientificismo. Nessa perspectiva, a estética-literária do Naturalismo abrange certo objetivismo e impessoalidade. Na obras, os acontecimentos são narrados de maneira minuciosa a partir de uma linguagem simples e direta, lembrando uma tese científica. Há uma ausência da subjetividade, visto que o naturalista assume uma posição de não envolvimento. Relacionado a isso, Massaud Moisés afirma que:

o romancista naturalista achega-se direta e cientificamente aos problemas, colocando luvas de cirurgião, e armado de instrumentos, como quem se dispusesse a perfurar as pústulas para libertar a sociedade de suas graves infecções; por isso, não se contém, indo à última minúcia, no intuito de conhecer toda a sintomatologia do caso clínico à sua frente (MOISÉS 2006, p.192).

Além disso, é crucial observar que o Naturalismo introduziu temas anteriormente nunca ou pouco abordados pela literatura brasileira. Levando isso em conta, este trabalho tem como fim analisar os aspectos relacionados ao erotismo, à histeria e à animalização presentes na obra *A carne*, de 1888, de Júlio ribeiro.

O “ser mulher” no século XIX e XX

Conforme Engel (2004), a noção de que a mulher está relacionada à natureza e o homem à cultura marcou o pensamento ocidental do século XIX. As descobertas científicas desse período fortaleceram a ideia de que o homem está associado à razão e à inteligência, enquanto a mulher está associada ao coração e à sensibilidade (PERROT, 1988, apud ENGEL, 2004, p. 278). Qualquer mulher que manifestasse um comportamento divergente das características mencionadas anteriormente seria considerada ‘antinatural’.

A mulher, tida como frágil, doce, submissa e sedutora, era um ser dúbio, difícil de ser classificado até mesmo pelos métodos científicos mais refinados da época. Nas palavras de Engel (2004, p. 278), essa ambiguidade a transformava “num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas”. Isso garantiria o cumprimento de seu papel social de mãe e esposa.

Até mesmo a educação da mulher no século XIX refletia a imposição desse papel social. Segundo Lopes (2011), a educação da mulher era privilégio de uma minoria abastada e muitas vezes se limitava ao ensino de práticas domésticas. O pouco que se aprendia relacionado à leitura e/ou à aritmética era direcionado para melhor educar os filhos. Portanto “a finalidade era formar a boa esposa e a boa mãe” (Lopes, 2011, p. 120).

Quanto à sexualidade, os médicos desse período apontavam a mulher como um ser assexuado, voltado exclusivamente para a maternidade (ENGEL, 2004, p. 284). Ou seja, as manifestações de desejo sexual da mulher seriam neutralizadas quando esta viesse a se tornar mãe. Daí o tabu construído em torno das mulheres que envelheceram sem se casar e/ou ter filhos. Nesse contexto, se uma mulher manifestasse desejos sexuais de forma explícita logo seria rotulada como anormal.

Acreditava-se que a manifestação de desejo sexual fosse sinal de um distúrbio psicológico. Uma vez visto como doença, o comportamento sexual ‘atípico’ da mulher, conforme Engel (2004), tinha um tratamento cruel, violando, na maioria dos casos, o seu corpo. A autora cita, dentre os procedimentos adotados, a remoção do clítoris e a introdução de gelo na vagina.

A mulher, portanto, era vista como um objeto da família e da sociedade patriarcal, sem vontades próprias. Como pontua Soihet ao citar Simone de Beauvoir e sua obra *O segundo sexo*, a mulher “ao viver em função do outro, não tem projeto de vida própria; atuando a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao protagonista e agente da história: o homem.” (BEAUVOIR 1980) apud (SOIHET 1997, p. 61). É nesse contexto que surge os movimentos feministas, formados por mulheres que já não mais aceitavam estarem submetidas à sociedade patriarcal. Essas mulheres reivindicavam seus direitos, tais como o do voto da educação e da liberdade sexual.

Breve discussão a respeito da histeria

Como discutimos anteriormente, uma mulher era vista como anormal quando manifestava um comportamento divergente daquele que a sociedade esperava dela. Se essa anormalidade estivesse relacionada à sexualidade, seria considerada caso de doença mental. Os médicos costumavam atribuir o comportamento sexual atípico à histeria.

O termo histeria era vinculado, no século XIX, a uma patologia causada pelo útero que acometia as mulheres, distorcendo o seu comportamento, construído socialmente como: frágil,

sensível, dócil, etc. Dessa forma, a mulher histérica, segundo os especialistas da época, reagia de forma animal e imprevisível.

Entretanto, conforme Engel (2004), no decorrer desse período, novos estudos foram surgindo e os médicos, então, passaram a tomar posicionamentos divergentes ao abordarem a histeria. Um dos pontos questionados quanto ao conceito anterior foi o rótulo da mulher como ser ‘assexuado’ ou ‘frígido’. Nesse sentido, Engel (2004, p. 285) relata o estudo do sexologista alemão Dr. Iwan Bloch que contou com entrevistas a mulheres cultas da época. As entrevistadas revelaram que a ideia de uma menor sensibilidade sexual das mulheres estaria equivocada, afinal, elas teriam maior sensibilidade do que o homem.

Ainda no século XIX, Freud, após um estudo aprofundado dessa condição, sugeriu que a histeria não estava ligada estritamente às mulheres e, dessa forma, poderia acometer também os homens. Tempos depois, já não mais interessava a Freud distinguir entre histeria masculina e feminina. Nesse sentido, buscou compreender os conflitos entre a mente e corpo, através de acontecimentos passados na vida dos indivíduos, tais como, traumas e experiências negativas. Logo, a histeria só poderia ser elucidada por outros meios:

A histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra — quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações (FREUD, 1996 p. 67).

Foi então que Freud observou que a sexualidade estava intimamente ligada às origens da histeria. Daí surge, primeiramente, a *teoria da sedução*. Segundo ela, o sujeito histérico teria vivenciado um trauma real, que permaneceu no inconsciente até a puberdade, quando há início das atividades sexuais, daí, manifestando-se os sintomas. Entretanto, com o desenvolvimento da teoria, esta passou a ser denominada de *teoria da fantasia*, visto que os sintomas poderiam também serem desencadeados por fantasias, isto é, traumas que não eram reais.

Análise da obra

A partir das tendências naturalistas pautadas nos ideais científicos e filosóficos do século XIX, a literatura deixa de estar relacionada à imaginação e ao simbolismo e passa a se dedicar, sobretudo, à ciência e à filosofia. É nesse cenário que é publicado *A carne*, em 1888, obra em que se pode observar aspectos biológicos e sexuais. Diante de tais aspectos comuns em publicações naturalistas, a obra causou grande polêmica recebeu duras críticas no ano de

publicação. Dentre as definições atribuídas pelos críticos à obra de Júlio Ribeiro, está a escrita por Padre José Joaquim de Sena Freitas em um artigo publicado no Diário Mercantil, intitulado de “A carniça”. Criticavam principalmente o apelo sexual que o romance apresentava.

É a partir do século XX que a obra deixa de ser considerada pornográfica e passa a ser vista como um romance que rompe com os preconceitos e estereótipos femininos vigentes em 1888. Principalmente por apresentar a personagem Lenita, mulher dominadora, de excelente formação intelectual e com desejos sexuais explícitos. Divergindo, assim, da maneira como a mulher era retratada no século XIX, como moldada para o casamento. Corroborando com isso, Bulhões diz que:

A Carne trazia uma protagonista em flagrantes manifestações de desejo sexual, cenas de sadismo, ninfomania, perversões, nudez, encontros da heroína com um homem mais velho, casado, entregas dos amantes sem meios tons; sexo, enfim (BULHÕES, 2005, p. 2).

No romance naturalista *A carne*, a narrativa em terceira pessoa permite explorar, de forma onipresente, as diversas ocasiões e os segredos dos personagens, bem como imergir nas cenas eróticas. Na obra, Júlio Ribeiro conduz a narração tal como faz o cientista ao dissecar o seu objeto de estudo. Desse modo, o autor lança um olhar indiscreto e pragmático sobre o desejo sexual dos personagens.

Ao tentar representar os desejos das personagens, a sexualidade, o romance marca a relação conflituosa entre o desejo sexual e as privações da época. Todo este conflito é transportado para os personagens, desencadeando sensações de tortura. Os desejos só são saciados mediante a uma consumação exagerada, sobretudo, histérica. O ato sexual, na obra, é sempre carregado de frustrações, sentimento de culpa e desassossego.

No romance naturalista, os personagens são acometidos por patologias quando se comportam de acordo com a moral sexual de sua época. Por outro lado, a desobediência aos princípios morais também causa danos e esta nunca resulta numa plena satisfação sexual. Quando se tem uma satisfação, no caso da personagem Lenita, por exemplo, ela é incompleta. No que diz respeito ao sentimento de insatisfação como condição do desejo, Bulhões afirma que:

Quanto à insatisfação, as passagens ganham corpo no discurso, com reflexões e com a exposição dos labirintos da frustração. Com isso, parece que as narrativas nos ensinam que a condição do desejo é a insatisfação, por configurar uma trajetória da procura do prazer (BULHÕES, 2005, p. 7).

Uma das primeiras manifestações de desejo sexual pela personagem Lenita é desencadeada, quando esta, observa uma estátua de bronze, em meio a tantas outras, com formas masculinas, conhecida como Gladiador Borghese. É importante observar que Helena Lopes antes de ser acometida pelo primeiro episódio de histeria, concebia tal estátua apenas sob um viés científico ou artístico, isto é, como um mero objeto de estudo. Contudo, a partir desse momento da narrativa, seu ponto de vista sobre a estátua do gladiador ganha nova significação, Lenita deixa de observá-la como cientista e passa a vê-la como uma fêmea da espécie humana. Assim, seus desejos sexuais se afloram. Entretanto, apesar da forte lascívia que a atormentava, seu gozo é incompleto. Essa manifestação incompleta de prazer é evidenciada em outros momentos da obra. O trecho a seguir^[1], extraído da obra, ilustra o que foi discutido acima:

Dezenas de vezes tinha ela estudado e admirado esse primor anatômico em todas as suas minudências cruas, em todos os nadas que constituem a perfeição artística, e nunca experimentara o que então experimentava. [...]

Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-a um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter gozo infinito se toda a força do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços.

E tinha ímpetos de comer de beijos as formas masculinas estereotipadas no bronze. Queria abraçar-se, queria confundir-se com elas. De repente corou até à raiz dos cabelos.

Em um momento, por uma como intussuscepção súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho (RIBEIRO, 1999, p. 7).

Outro momento da obra que aborda a insatisfação de Lenita diante da falta de realização completa dos seus desejos ocorre no décimo capítulo, quando a personagem presencia a cópula entre uma vaca e um touro e, em seguida, o coito entre dois escravizados próximo às margens de um rio. Embora, a princípio, ela descrevesse a reprodução dos animais como um ato “grandioso e nobre em sua adorável simplicidade”, após testemunhar a relação sexual entre Rufina e o “moço preto”, Lenita foi tomada por um sentimento de frustração, visto que não era capaz de concretizar seu desejo de maneira completa. Os trechos^[2] abaixo, retirados da obra, remetem ao episódio tratado neste parágrafo:

A vaca abriu um pouco as pernas traseiras, corcovou-se, engelhou a pele das ilhargas para receber a fecundação. Consumou-se está em uma estocada rubra, certa, rápida.

Era a primeira vez que Lenita via, realizado por animais de grande talhe, o ato fisiológico por meio do qual a natureza viva se reproduz.

Espírito culto, em vez de julgá-lo imoral e sujo, como se praz a sociedade hipócrita em representá-lo, ela achou-o grandioso e nobre em sua adorável simplicidade...

Lenita mais compreendeu do que viu. Era a reprodução do que se tinha passado, havia momentos, mas em escala mais elevada: à cópula, instintiva, brutal, feroz, instantânea dos ruminantes, seguia-se o coito humano meditado, lascivo, meigo, vagaroso.

Abalada profundamente em seu organismo, com a irritação dos nervos aumentada por essas cenas cruas da natureza, torturada pela carne, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquíssima (RIBEIRO, 1999, p. 34).

Nesses fragmentos^{[1][2]}, além da frustração de Lenita diante da realização incompleta de seus desejos, observamos o olhar racional da personagem sobre a consumação do ato sexual. Na passagem “a necessidade orgânica do macho” (RIBEIRO, 1999, p. 7) o uso da palavra orgânica denuncia que aquele desejo sexual era uma reação natural de seu organismo, um conjunto de reações químicas que ela manifestava como fêmea da espécie. Posteriormente, ao presenciar a cópula dos ruminantes, Lenita, dotada de uma instrução superior, concebe o ato a partir de um ponto de vista racional-cientificista, que o julga como algo natural aos organismos vivos, em vez de “julgá-lo imoral e sujo, como se praz a sociedade hipócrita em representá-lo” (RIBEIRO, 1999, p. 34). Contudo, Lenita como organismo constituinte da natureza, por mais que possua uma visão racional, também é acometida por esses desejos e se encontra “torturada pela carne, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava” (RIBEIRO, 1999, p. 34). Manifesta-se, assim, um conflito interno entre a carne e o intelecto.

Ademais, trazendo o foco da discussão para a animalização (ou zoomorfização), evidenciamos que ela, segundo Antonio Candido (1993, p. 129), ocorre quando “o que é próprio do homem se estende ao animal e permite, por simetria, que o que é próprio do animal se estenda ao homem”. Dessa forma, as características que o homem atribui aos animais são retomadas para definir o próprio homem.

A primeira passagem da obra que coletamos para exemplificar esse aspecto retrata uma cena de tortura a um escravizado. Nesta cena, a zoomorfização é evidenciada no emprego do termo “uivos”, que normalmente serve para designar o lamento de cães e lobos: “Os uivos do negro eram roucos, estrangulados: a sua carapinha estava suja de terra, empastada de suor” (RIBEIRO, 1999, p.20). Na mesma página, há outro exemplo de zoomorfização quando o narrador coloca: “O negro deu um corcovo; irrompeu-lhe da garganta um berro de dor,

sufocado, atroz, que nada tinha de humano” (RIBEIRO, 1999, p.20). Nesse caso, o destaque está no termo “corcovo”, utilizado para se referir ao salto que o cavalo dá. Levando isso em conta, diante de uma dor excruciante, a reação do personagem é animalesca. Isso é reforçado quando o narrador diz que o escravizado deu um berro “que nada tinha de humano”. A palavra berro serve justamente para denotar a voz de certos animais.

Na obra, a animalização também aparece associada a outros aspectos analisados neste trabalho. Nas passagens a seguir, há a manifestação da histeria através de um comportamento animal, isto é, através da animalização: “Trincou nos dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contrações espasmódicas” e “E ela queria Barbosa, desejava Barbosa, gania por Barbosa” (RIBEIRO, 1999, p.31 e 69). Nesse caso, cabe destacar o uso do verbo “ganir” que usualmente é utilizado para denotar o modo como os cães gemem.

Quanto à histeria, vale ressaltar que esta patologia se configura, nas obras naturalistas, como um conflito entre a censura que havia na época e a busca assídua por satisfazer os desejos reprimidos, especialmente os sexuais. Em vista do forte tabu que circulava em torno da sexualidade, muitas vezes, esse desejo era realizado apenas em fantasia, isto é, na imaginação, tal como na obra se evidencia nos momentos em que Lenita sonha com o gladiador e no momento em que presencia o ato sexual entre os escravizados.

O sadismo, sintoma característico da histeria, pelo menos segundo os especialistas da época, também se faz presente na obra nas cenas em que Lenita sentia prazer em cometer “pequenas” perversidades ou presenciar atos violentos ou sádicos. Isso se evidencia na passagem abaixo:

Pensava constantemente, continuamente, sem o querer, no caçador excêntrico do Paranapanema, via-o a todo o momento junto de si, robusto, atlético como o ideara, dialogava com ele.

Ficara cruel: beliscava as criolinhas, picava com agulhas, feria com canivete os animais que lhe passavam ao alcance. Uma vez um cachorro reagiu e mordeu-a. Em outra ocasião pegou num canário que lhe entrara na sala, quebrou-lhe e arrancou-lhe as pernas, desarticulou-lhe uma asa, soltou-o, findo com prazer íntimo ao vê-lo esvoaçar miseravelmente, com uma asa só, arrastando a outra, pousando os cotos sangrentos na terra pedregosa do terreiro (RIBEIRO, 1999, p. 17).

Cabe dizer, também, que o sadismo se caracteriza pela busca de alimentar o prazer sexual com a dor e o sofrimento do outro. Em *A carne*, Lenita sente-se fortemente excitada com

esse tipo de situação, na qual uma vibração passeava pelo seu corpo, um sorriso cruel tomava espaço no seu rosto, tudo isso ao ver a dor de um escravizado da fazenda sendo maltratado:

O negro deu um corcovo; irrompeu-lhe da garganta um berro de dor, sufocado, atroz, que nada tinha de humano. Desmaiou.

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas.

O silvar do azorrague, as contrações os gritos do padecente, os fiar de sangue que ela via correr embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenesi: torcia as mãos, batia os pés em ritmo nervoso.

Queria, como as vestais romanas no ludo gladiatório, ter direito de vida e de morte; queria poder fazer prolongar aquele suplício até à exaustão da vítima; queria dar o sinal, *pollice verso*, para que o executor consumasse a obra.

E tremia, agitada por estranha sensação, por dolorosa volúpia. Tinha na boca um saibo de sangue (RIBEIRO, 1999, p. 20).

Apesar de, aparentemente, na época a histeria estar ligada apenas a Lenita, a obra apresenta a perspectiva freudiana de histeria, a qual também aparenta acometer a Manduca. No decorrer da obra são deixadas pistas em relação ao seu comportamento tidos como anormal, o seu próprio pai, coronel Barbosa o tacha de “esquisitão”. Como se evidencia no trecho abaixo, quando o coronel convida Lenita para morar na fazenda, descrevendo sua rotina e o filho:

A resposta do coronel Barbosa não se fez esperar - que fosse, que fosse quanto antes; que sua velha esposa entrevada folgara doidamente com a notícia de ir ter junto de si uma moça, uma companheira nova; que com eles só morava um **filho único, homem já maduro, casado, mas desde muito separado da mulher, caçador, esquisitão, metido consigo e com os seus livros**; enfim que se não demorasse com aprontações, que atabulasse, e que marcasse o dia para ele a ir buscar (RIBEIRO, 1999, p.4, grifo nosso).

Configurando um conflito interior em cada personagem, a obra reflete como se dá o desejo, o erotismo e as relações sexuais nos seres racionais. A relação entre Lenita e Manduca é marcada por encontros e desencontros, pelo desejo, sadismo, um verdadeiro duelo entre a carne e o intelecto, a mente.

Perto estava uma árvore velha coberta de musgo: colheu-o às braçadas, fez um montão, alcatifou, alfombrou com ele a acidentação do terreno que lhe recordara o mármore florentino. Nervosamente, brutalmente, foi despindo a Lenita: não desabotoava, não desacolchetava; arrancava botões, arrebatava colchetes. Quando a viu nua, fê-la reclinar-se sobre o musgo, dobrou-lhe a perna esquerda, apoiou-lhe o pé em uma saliência de pedra, dobrou-lhe também o braço esquerdo, cuja mão, em abandono, foi tocar o ombro de leve, com as pontas dos dedos; estendeu-lhe o braço e a perna direita em linha suave

e frouxa, a contrastar com a linha forte, angulosa, movimentada, do lado oposto. Desceu um pouco, deitou-se de bruços e, arrastando-se como um estélio... Lenita desmaiou em um espasmo de gozo... (RIBEIRO, 1999, p. 77).

Ao final do livro, confirma-se a supremacia da carne em relação à mente, quando Manduca suicida-se, ao saber da gravidez e do futuro casamento de Lenita. O trecho abaixo narra o momento em que Manduca, no seu quarto, pega uma caixinha contendo uma seringa de curare:

Barbosa largou o escarificador e, a sorrir, sem empalidecer pegou, segurou a seringa entre o índice e o médio da mão direita, introduziu-lhe o bico afilado na cesura, meteu o polegar no anel da haste, calçou firme, empurrou com força o pistão. O excesso do líquido injetado expandiu-se, desenhando-lhe na brancura da pele um como aracnide sinistro (RIBEIRO, 1999, p. 91).

Considerações finais

É inegável que a literatura, ao longo dos séculos, discutiu e ainda discute sobre temas tidos como delicados pela sociedade. Nesse sentido, vale observar que os tabus começam a ser superados a partir do momento em que começamos a tratar deles. Assim, ao abrirmos espaços para debates, estamos colocando valores vigentes em xeque e propondo uma nova visão para determinado acontecimento social. Ressalta-se, contudo, que nem sempre a mudança se dá de maneira homogênea, afinal, sempre haverá pessoas que terão pontos de vista conservadores. Levando isso em consideração, a obra *A carne* aborda temas, até então, silenciados na literatura brasileira, tais como a sexualidade feminina. O naturalismo presente na obra descreve minuciosamente, sob um viés cientificista, a sexualidade de Lenita, uma mulher de intelecto superior. A obra traz uma personagem que rompe com os valores da moral sexual da época, ao colocar o sexo para além da procriação, levando em conta o prazer do ato.

A partir da análise realizada, evidenciamos, através da tríade “carne”, intelecto e sociedade, que a última tenta ditar normas que são difundidas pelo intelecto a fim de controlar o corpo. Entretanto, percebemos que esse controle é passível de falhas, visto que apesar de ser racional, o ser humano, como qualquer animal, está sujeito às leis da natureza, sobretudo, no que se refere à reprodução. No bojo desta, está o desejo e o prazer sexual que vão além da mera procriação.

Logo, diante do que foi discutido neste trabalho, observamos a relevância do estudo da obra na discussão de temas que ainda são alvo de debates na atualidade. Num momento de grandes transformações e quebra de paradigmas, no qual estamos inseridos, é de suma

importância revisitar o passado a fim de observar como se deu a mudança de pontos de vistas ao longo dos séculos. Esse exercício nos proporciona um olhar crítico sobre a realidade e, conseqüentemente, um debate consciente e construtivo.

Referências

BULHÕES, M. Histeria, sedução e frustração: o erotismo em romances naturalistas brasileiros. **Cadernos Neolatinos**, Rio de Janeiro, ano IV (número especial), abr. de 2005.

CANDIDO, A. **O mundo sem culpa**. In: O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

ENGEL, M. **Psiquiatria e feminilidade**. In: DEL PRIORE, M. (org). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

FREUD, S. (1996). Edição Standard Brasileira das obras completas de S. Freud, Ed. Imago Histeria, v. I, p.65-83. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1888).

LOPES, S. F. **“Retratos” de mulheres na literatura brasileira do século XIX**. Ribeirão Preto: Revista Plures Humanidades, 2011.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa**. 34° reimpr. São Paulo: Cultrix, 2006.

RIBEIRO, J. **A Carne**. São Paulo: Martin Claret, 1999. Disponível em: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> acesso em: 10 de novembro de 2018.

SILVA, L. U. M.. **O naturalismo de Aluísio Azevedo**: produção jornalística e romanesca. 13 Ed. São Paulo: Alpha, 2012.

SOIHET, R. Enfoques feministas e a história: Desafios e perspectiva. In SAMARA, E.M, SOIHET, R; MATOS, M.I.S. **Gênero em debate**. In: São Paulo; Educ, 1997.

Recebido em: 11/08/2020 Aceito em: 02/09/2020